

Apresentação de *Na Babugem do Êxodo* — romance de Inácio Rebelo de Andrade

Salvato Trigo
Reitor da Universidade Fernando Pessoa

Resumo: Neste artigo o autor apresenta um romance de Inácio Rebelo de Andrade, acerca da colonização de Angola.

Abstract: In this article the author presents a novel by Inácio Rebelo de Andrade about the colonization of Angola.

Palavras Chave: Romance Histórico, Angola, Inácio Rebelo de Andrade, Colonização

«Ainda que obra de ficção, este livro pretende ser o testemunho de uma época, considerada de «sombas» e de «claridades», como se refere no subtítulo do frontispício.» É com estas palavras prévias que o autor nos apresenta este seu romance, tramado nas «sombas e claridades de uma época colonial». Sabemos, então, desde logo, que vamos ler um romance histórico bem datado num tempo de que o autor foi personagem e testemunha, o que não lhe facilitou, antes, lhe complicou a tarefa de narrador autotélico, isto é, metido na trama do texto, como, aliás, o confessa. Romance datado que, seguramente, muitos dos que aqui estão, nele reconhecem um universo cultural e político de que também participaram, mesmo que noutros espaços geográficos da África de língua portuguesa.

O romance histórico constrói-se ou pela ficção da História ou pelo seu questionamento ficcional. O autor, e bem, seguiu o percurso da escrita do

questionamento, usando inteligentemente a consciência de suas personagens, para mim que vivi no espaço histórico ficcionado, quase tipos sociais, para perguntar, para se perguntar, se não teria podido ser doutro modo a saga dos portugueses colonizadores da África. É claro que o seu questionamento se dirige mais para a descolonização do que para o princípio da colonização e as características peculiares de que ela se revestiu no contexto da Europa do séc. XVII-XVIII e no contexto do próprio país colonizador — Portugal — quase por inteiro concentrado no açúcar e no ouro brasileiros que lhe não deixavam verdadeiramente interesse de perceber a importância de uma política clarividente para a África, transformada teogonicamente em mercado abastecedor de escravos para a «fundação» europeia do Novo Mundo, tirando os outros só os benefícios da mão de obra intensiva e ficando nós sozinhos com o odioso do tráfico negreiro. Para gáudio de muita literatura, designadamente a portuguesa, desde os Arcades até ao Romantismo-Realismo com o Eça a fustigar ainda no séc. XIX os resquícios de cultura negreira de alguma da nossa burguesia, impiedosamente retratada, por exemplo, em *Os Maias*.

O autor, sei-o bem, não o quis fazer, porque outro foi o seu propósito, mas não deixou, de forma resumptiva e anafórica, em secular analepse de silêncio, de transportar quem o quisesse para esse tempo, que considerou as «sombras» duma era colonial. Este romance, portanto, sendo bem mais o da descolonização, questiona a colonização, utilizando a fundação da povoação de Nova Lisboa como uma espécie de alegoria para se compreender alguma da cultura colonial especificamente portuguesa. E, digamos sem complexos, que a cultura colonial portuguesa não foi igual às outras culturas coloniais europeias da África. É generalização historicamente desmentida e politicamente infundada falar-se do colonialismo europeu em África, porque há que pluralizar o conceito, a fim de lhe introduzir a diferença que a factualidade da História exige. Houve colonialismos europeus em África cujos três mais importantes são bem distintos — o português, o francês e o inglês. Distintos, desde logo, no tempo de maturação e de miscigenação: não nos esqueçamos da nossa secular anterioridade em África relativamente aos franceses seiscentistas e aos ingleses setecentistas. Há, por força dessa anterioridade e da cultura lusitana geneticamente miscigenada, um saber africano, feito dos sabores das terras e das gentes que se diferencia radicalmente do conhecimento dos livros e das cartografias de olhar distante. Fomos, desde o começo e certamente mais por necessidade do que por vocação genética, colonizadores de proximidade, gente mais apostada no *trato* e no ganho que daí proviesse do que na imposição de valores e de costumes.

Apresentação de «Na Babugem do Êxodo»

Aprendíamos, por isso, muito mais depressa as línguas dos indígenas do que lhes impúnhamos a nossa. Não houve, por essa razão, e poderia ter havido uma efectiva lusitanização dos espaços humanos por onde escrevíamos a história da nossa expansão no Mundo, porque aí estanciámos muitos mais séculos do que os romanos na Península Ibérica que deixaram, como se sabe, quase integralmente romanizada.

Colonizadores de proximidade com os pombeiros e os funantes do mato, com os aviados calçados e descalços, indigenizávamo-nos amando e filhando mulheres nativas com quem muitos dos nossos colonos viveram sinceras histórias de amor, bem cantadas, aliás, pelo poeta Tomás Vieira da Cruz, compensando a safardanice de outros, especialmente militares e torna-viagens, que prostituíam, prostituindo-se.

Tudo isto perpassa pela escrita deste romance de Inácio Rebelo de Andrade que em mim evocou, no filme dos sessenta e três anos do tempo colonial que transcorreram entre a fundação de Nova Lisboa até à famigerada descolonização de Angola, esses tempos outros de reis do Congo, de Ngola Kiluanji, de rainhas Jingas e de Mutambas, em que tivéssemos nós uma monarquia esclarecida e poderosa, desmanietada de teólogos de pacotilha e de profetas de circunstância, outra teria sido a escrita desses dias angustiantes da «babugem do êxodo», para usarmos uma expressão tão perspicazmente dolorosa do autor.

Este romance sustenta o fio condutor do seu discurso exactamente nessa metáfora da babugem do êxodo das centenas de milhares de portugueses que foram obrigados a fugir de Angola na loucura dos dias ali vividos provocada pela anarquia revolucionária induzida do nosso PREC, marca de imbecilidade (na acepção etimológica) duma revolução anunciada que, em rigor, não passou de um golpe de Estado miliciano. No prólogo, o autor explica bem por que deu esse título ao seu romance. Um romance que, podendo parecer, não é de catarse, pois não quis ser de introspecção psicológica nem de problematização existencial que bem poderia compor à volta da figura do *retornado* aqui apenas sugerida, quem sabe se para nos prometer que o autor há-de levar a sua escrita para esse caminho de busca de identidade que esse fenómeno plantou em todos nós — aqueles que o fomos e aqueles outros nossos familiares, conhecidos ou desconhecidos que não o entenderam e o rejeitaram, como neste romance acontece com a dona Alice, proprietária da Pensão do Areeiro, onde o meu falecido sogro, tal como o Sebastião e sua família, no retorno a Portugal, pôde sentir um racismo social que a incultura de muitos dos nossos patrícios viperinamente derramou por esse Portugal tacanho e conservador, de repente

confrontado com uma modernidade para que não estava preparado. Se assim for, se Inácio Rebelo de Andrade passear, como Stendhal aconselhava, seu próximo romance ao longo dessa estrada para, qual espelho, nele reflectir uma realidade adormecida, todavia ainda não inteiramente absorvida na identidade portuguesa de muitos, então este romance merecerá uma outra leitura e perceber-se-á muito melhor o que nele existe, e muito suspeito que exigirá, de autobiográfico. Para já, porém, e essa é uma qualidade deste livro que devo, de imediato, sublinhar, este romance tipifica com mestria personagens que quase poderíamos ser todos os que vivemos no Planalto Central de Angola e mais especificamente em Nova Lisboa nesses tempos dos Governadores Catiolo e Queimado Pinto. Para nós, a familiaridade dos lugares e seus nomes, a topografia da cidade que o narrador conhece à minúcia, o estilo de vida e a cultura citadina duma classe média que se media nos seus propósitos de angolanidade pelas tertúlias dos cafés Himalaia e Haiti, ideologicamente oponentes, pelos programas da Rádio Clube do Huambo ou pelos artigos de opinião do jornal O PLANALTO em que eu próprio escrevi dezenas e dezenas de crónicas na secção Arestas ou Poeira da Rua, em homenagem ao grande escritor que foi José Rodrigues Miguéis, os bairros da cidade por onde se perdeu alguma da memória de nossos afectos de juventude, desde o Bairro Académico ao de S. Pedro, o Ruacaná em dias de espectáculos marcados pelo desfilar dos modelos femininos dessa classe média, à Caala, aonde íamos ao futebol e aos bailes afamados, ao Longonjo, ao Lépi e já mais longe ao Cuma, sempre na linha do Cama-couve do CFB que nos levava ao Lobito, antes de o fazermos de carro pelo Alto Hama, com extensão à cidade morena de Benguela e aos convívios do Hotel Momkaba. São as minhas memórias projectadas na leitura deste romance que agrada pelo que conta e pela forma como o conta numa linguagem escorreita de qualidade gramatical, hoje infelizmente muito rara, sem atavios retóricos, mas sempre com a metáfora apropriada, escrevendo tabularmente a história principal e as histórias secundárias que vão compondo uma trama cativante pela simplicidade, pela verosimilhança da ficção bem encaixada na realidade dum discurso tecido por personagens reais que existem em espaços reais, historicamente bem datados. Neste aspecto, o romance reconfirma a obra literária do autor que tem no país ovimbundu o reservatório privilegiado de seu imaginário poético. Um reservatório que lhe permite semioses como aquela em que o narrador nos dá conta do asco de Sebastião pela personagem execrável do Mula Manca - «Detestava o chitaqueiro, que dizia mal de toda a gente com a boca venenosa de surucucu. Um homem nojento: mais do que da perna, era coxo da alma; tal como fazia com os negros, batia na

Apresentação de «Na Babugem do Êxodo»

mulher e nos filhos, que se gabava de ter domesticado como convinha.» (p. 114) Esta integração vocabular de duas culturas miscigenadas perpassa a narração que integra também com marcada qualidade técnica a História de Portugal, com a História da Europa e com a História de Angola do tempo aqui narrado. Neste aspecto — e esta não é das menores qualidades deste romance — o livro é muito pedagógico e muito didáctico também, especialmente para as gerações mais novas para quem a nossa presença em África já não interessa e para quem o nazismo, o colonialismo e o frentismo revolucionário dos movimentos de libertação de Angola dou do PREC nacional são mal sabidas, senão mesmo desconhecidas.

De facto, aprende-se neste livro, ao mesmo tempo que se acompanha a história de Sebastião Gomes da Silva, jovem órfão de 14 anos, empurrado para Angola pelos tios lisboetas Felisberto e Maria do Patrocínio, confiado na viagem no «João Belo» aos cuidados do comerciante da capital, Armando, que, contra a vontade da mulher Ernestina, ia tentar melhor sorte em terras do Huambo, assim respondendo à carta de chamada do amigo Aristides, comerciante de mato, entre o Longonjo e o Lépi, aprende-se, dizia, muito sobre a criação do Estado Novo, sobre a política colonial de Salazar e de Marcelo Caetano, sobre a eclosão da II Guerra Mundial e sobre o neutralismo português; aprende-se sobre a eclosão da chamada guerra colonial e suas consequências para Angola e para a política nacional, africana e internacional de Portugal, agravadas pela teimosia de Salazar e de seu sucessor, empurrando o país para um isolamento internacional que havia de conduzir ao impasse do regime e à sua queda com o 25 de Abril; aprende-se sobre os bastidores e as causas mediatas e imediatas da revolução dos cravos; aprende-se sobre a preparação política da descolonização; compreende-se o papel do Papa Paulo VI na tentativa de intermediação duma solução política para a guerra colonial. E aprende-se também como se fundou e desenvolveu uma cidade, graças ao visionarismo de Norton de Matos e de Vicente Ferreira; como Portugal chegou e chega normalmente atrasado à história da implantação em África do ensino superior ou dum desenvolvimento urbano tardio e ineficaz; ou como não se tinha ideia de governar Angola com coerência de projecto político, mudando de governador-geral de coronel para coronel, de civil para militar, de general para comodoro, em completo desrespeito pelo sentido da história que nos mostrava a todos, excepto ao Terreiro do Paço e a São Bento, a urgência e a indispensabilidade duma descolonização que poderíamos ter preparado com tempo e com honra, para bem dos portugueses como Sebastião, a personagem central deste romance, e dos angolanos que, primeiro,

se envolveram connosco numa guerra sem sentido, e, depois de nós, numa guerra civil devastadora de bens, de civilização e de pessoas que fez regredir Angola para um tempo de insensato tribalismo e de um negrismo inconsequente, cujos resultados catastróficos são bem conhecidos e infelizmente persistentes.

Sebastião é uma personagem colectiva; é qualquer um daqueles milhares e milhares de portugueses migrantes que demandaram África em busca de melhor vida ou, digamos antes, em busca de uma vida com alguma dignidade que os arrancasse da pobreza e da incultura em que por aqui viviam. Daqueles portugueses que queriam ser colonos, mas que, raramente, foram colonialistas, porque se integraram com as populações autóctones nas povoações mais rurais ou mais urbanizadas, querendo aí fincar pé para não mais voltarem ao ponto de partida. Daqueles portugueses que se indigenizaram ou cafunizaram, que constituíram família entre si ou mista e para quem Portugal se ia transformando num mero lugar de referência patronímica, mas já não mais do que isso. Sebastião é um daqueles milhares e milhares de colonos que assumiram Angola como sua última morada, não fora a história lhes ter pregado mais uma partida, provocada pelos maus agentes que em Lisboa a teciam.

Sebastião trabalhou e ganhou o pão bíblicamente com o suor do seu rosto; iniciou-se no amor com Nhareia, preta belíssima e sensual como só a mulher preta o sabe ser; estabeleceu-se por conta própria em Nova Lisboa, graças à sua inteligência e sentido estratégico para os negócios; casou e amou por toda a vida uma branca angolana, Ana Isabel, mulher sábia a quem não quis dar ouvidos tal era a sua obsessão por uma Angola que ele idealizara, mas que a revolução dos capitães de Abril esfumou; mulher que amparou e suportou estoicamente da denúncia do único filho de ambos, Pedro, viúvo prematuro de Inês morta no primeiro parto, no Hospital Central de Nova Lisboa. Pedro que, ensimesmado e inadaptado a um Portugal que, para ele, não passava dum país romântico, simbolizado em Alcobaça, nos amores «proibidos» do rei pela aia de sua esposa, que lhe ficaram na memória da primeira visita que aí fez, Pedro, um retornado que verdadeiramente o não era, demenciará e será internado julgando-se a encarnação de D. Pedro, carpindo as mágoas dos dias em busca de Inês, rainha jazente, como a única mulher que ele amou desde os tenros 13 anos até à morte dela. Como a ficção deste amor, misturada com a história desse outro amor de Pedro por Inês, coloca um fim trágico neste romance da tragédia humana que uma descolonização apressadamente feita e imbecilmente negociada causou a milhares de angolanos de origem portuguesa que sofreram as consequências dum colonialismo atávico que, todavia, poupou os colonialistas, condenando os

Apresentação de «Na Babugem do Êxodo»

colonos que nem sequer seus agentes eram. Foram as malhas que o império teceu, obnubiladas que estavam as mentes dos políticos de circunstância que os fumos da Índia, de que falava Afonso de Albuquerque, nunca deixaram ver mais do que para lá do Mar da Palha. Foram esses políticos que, na babugem dum tempo de fanática incultura e de patriotismo imbecil, provocaram a «babugem do êxodo», infelizmente ainda inassimilada e muito menos dissolvida nas areias desta nossa praia lusitana que, como dizia Pessoa, é o cotovelo da Europa. Certamente por isso é que somos achacados à dor de cotovelo, incapazes que somos de o esfregar nos olhos, para nos retirar as persistentes trancas que não nos deixam ver que, como Pessoa o disse também, «falta cumprir-se Portugal!» Este romance de Inácio Rebelo de Andrade, que aqui tive o grato prazer de lhes apresentar, pode ajudar-nos a reflectir sobre essa falha que cada vez mais ameaça transformar-nos numa «jangada de pedra». O clima, esse, neste Outono verânico, parece querer antecipar essa acostagem, que não queremos, da jangada com o Norte de África, porque a nossa África, aquela com que a História quer que nos reencontremos, é a que fala a nossa língua, mátria de pátrias diferentes, aqui enobrecida pela escrita de qualidade deste livro que vos recomendo.

Parabéns ao autor por mais este romance a enriquecer o princípio da sua segunda década de proficua criação literária e parabéns também à Editora Vega por mais este volume da Palavra Africana!